

SUPLEMENTO

DE ARQUEOLOGIA

Novos elementos para o estudo da Igreja Paroquial de Santo Estêvão de Barrosas (Lousada)

Manuel Nunes*
e Paulo Lemos**

A igreja de Santo Estêvão de Barrosas constitui um dos mais *sui generis* templos paroquiais do concelho de Lousada facto que, em muito, se deve às características e à localização da sua torre sineira. No presente artigo, fazendo uso de elementos documentais e epigráficos, alguns dos quais inéditos, procura-se aprofundar o nível de conhecimento histórico e arqueológico acerca deste monumento.

* Arqueólogo | manuel.nunes@cm-lousada.pt

** Arqueólogo | paplemos@gmail.com

BREVE ANOTAÇÃO HISTÓRICA

Inventariada em 2008, na Carta Arqueológica do Concelho de Lousada (Nunes et al, 2008:192-193), a Igreja Paroquial de Santo Estêvão de Barrosas¹ possui estatuto de proteção legal ao abrigo da Carta de Condicionantes do Plano Diretor Municipal, em vigor desde 2012 (Aviso n.º 1746/2012 de 3 de fevereiro).



Figura 1. Localização da Igreja Paroquial de Santo Estêvão de Barrosas. Carta Militar de Portugal. Escala 1:25 000. Folha 99. IGEOE.

Trata-se de um edifício cujas formas arquitetónicas e linhas ornamentais se enquadram nos paradigmas construtivos Setecentistas que, segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1995:Fl n.º124), consagram um estilo barroco, *muito local*.

Ao longo dos tempos foram inúmeras as referências documentais à Igreja de Santo Estêvão de Barrosas. Data do século XI, no *Inventário de bens e propriedades do Mosteiro de Guimarães*² realizado no ano de 1059, a primeira dessas referências. No século XIII surge nova menção à igreja, desta vez nas Inquirições³ de Afonso III de 1258. Já no século XVI, o *Tombo da Igreja de Santo Estêvão de Barrosas de 1548* (Tombo, Liv. 65) apresenta-nos uma relação detalhada da igreja e dos seus pertences. Relação que apenas voltamos a encontrar no *Livro das Visitações da Paróquia de Santo Estêvão de Barrosas*, produzido entre os séculos XVIII e XIX (1719-1812) e que servirá, aliás, de base a algumas das considerações tecidas neste artigo.

O século XVIII foi, de resto, abundante em referências à igreja, sendo diversas as obras desta época que lhe aludem diretamente, como a *Corografia portuguesa* do padre Carvalho da Costa (1706)⁴, as *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho*, de Francisco Craesbeeck (1726)⁵, o *Diccionario Geografico* do Padre Luis Cardoso (1747)⁶ e ainda as *Memórias Paroquiais* (1758)⁷. É por via destas sucessivas descrições da igreja que se torna possível

¹ Coordenadas: N 41°19'58.9" / W 08°16'31.5". Altitude: 418 metros.

² *Aqua leuada rouordelo integro et ecclesia integra sancto marino e medietate de ecclesia sancto stephano (...)*(Guimarães, 1908:49).

³ *Hic incipit inquisitio Sancti Stephani de Barrosas et omnium parrochianorum ejusdem Ecclesie* (PMH, Inq. 1258:683).

⁴ A igreja era *Abbadia da Mitra, que rende cento & cincoenta mil reis, tem trinta vizinhos*. E nela existe *huma reliquia de S. Estêvão, que está em hum relicário de prata em fôrma de custodia, & se mostra em seu dia, & outros do anno, a que concorre muita gente* (Costa, 1706:113).

⁵ *A igreja tem sacrário. Não tem letreiros nas campos nem capellas. Aqui se conserva huma reliquia de Santo Estêvão, em hum relicário de prata, em forma de custodia, e se mostra no dia do Santo e outros mais dias do anno; e muito povo concorre a vê-la e venera-lla* (Craesbeeck, 1726:200).

⁶ *A Paroquia [igreja] de huma só nave está quasi no principio da Freguesia para a parte Nascente, pegada a hum monte desviada de vizinhos: he Orago della Santo Estêvão, de cujo Santo há huma reliquia: tem tres Altares, o mayor, e dous collateraes no corpo da Igreja (...). Costumão os freguezes festejar por devoção o nome de Deos, Nossa Senhora, Santo António, S. Sebastião, e Santo Estêvão* (Cardoso, 1747:85-86).

⁷ *O orago desta freguezia hé Santo Estêvão. Tem três altares a igreja, a saber, hum do Santissimo Sacramento, outro da Senhora do Ruzario, outro do Martir Sam Sebastião. E não tem naves e tem hua ermandade das Almas* (Capela et al, 2009:300).

compreender a sua evolução arquitetónica, tanto mais que o atual edifício, embora mantendo a mesma localização, é sucedâneo de um templo anterior (Nunes *et al*, 2008:193; Cardoso e Silva, 2010:1-2). Socorrendo-nos da documentação coeva é possível traçar um quadro bastante detalhado acerca do processo de construção desse novo templo e, mais tarde, da torre sineira.

O Livro das Visitações, em particular, congrega diversas referências à necessidade de obras no templo. A mais pungente será, certamente, aquela que ficou registada a 26 de abril de 1728, onde se refere que o *templo da igreja (...) é muito limitado que nela não cabe bem a gente como ocularmente experimentei e está tão antigo e indecente que ameaça ruína e não parece casa de Deus (...), portanto mando que os fregueses desta freguesia se animem a fazer afundamentos ao corpo da igreja com a perfeição possível (Visitações, fl. 10v)*. A 9 de outubro de 1733, depois de vários anos sem que as obras se tivessem iniciado, o visitador refere expressamente que as obras da nova igreja decorrem com esmero, embora sem o envolvimento de toda a comunidade (*Visitações, fl. 14v e 15*). Contudo, em março de 1734, a obra estava já concluída. São vários os elementos que o comprovam: a data memorativa da bênção da igreja gravada no cunhal da fachada (Ep.1)⁸, a petição na



Figura 2. Epigrafe memorativa com a data «1734» gravada no cunhal da parede sul da igreja.

qual o juiz do Subsino solicita a bênção da nova igreja (*Petição, fls. 216v e 217*) mas, sobretudo, o primeiro registo de óbito datado desse ano, onde se lê que *Aos vinte e oito dias do mês de março de mil e setecentos e trinta e quatro annos, faleceu, com todos os sacramentos, Custódio Ferreira, viúvo, do lugar da Venda, desta freguesia de Santo Estevão de Barrosas e foi sepultado na igreja nova desta freguesia (...)*. (*Óbitos, Liv. 1680-1742, fl.128v*).

A TORRE SINEIRA

A torre sineira representa, sem dúvida, o mais singular dos elementos arquitetónicos da igreja de Santo Estevão de Barrosas. Na opinião de Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1995:Fl n.º124) *é a torre que compõe a fachada, serve de galilé e de coro, além de suportar os sinos. A base da torre é aberta e abobadada, quase à maneira gótica.*



Figura 3. A torre sineira da Igreja Paroquial de Santo Estevão de Barrosas alberga um conjunto de quatro sinos em bronze, cada um ocupando um dos vãos abertos no terceiro nível do campanário.

⁸ A epigrafe foi referida pela primeira vez em 2010 numa síntese histórica e arquitetónica dedicada a este templo (Cardoso e Silva, 2010:1-4). A data «1734» foi gravada com recurso a caracteres numéricos dispostos ao longo de uma única linha ligeiramente oblíqua.

Apesar das obras de 1733-1734 terem reformulado o corpo da igreja, esta não havia sido contemplada com uma torre que lhe albergasse os sinos. Disso mesmo dá nota a 13 de outubro de 1782 o visitador Francisco José de Carvalho e Almeida, ao revelar que (...) *o sino desta freguesia se acha posto entre dous paus por não haver torre nem torreão em que se possa constituir e como esteja exposto aos*



Figura 4. Exatamente sessenta anos separam estas duas imagens da torre da Igreja Paroquial de Santo Estêvão de Barrosas: 1956-2016. (Figura da esquerda: Arquivo da Diocese do Porto. Inquérito Paroquial de 1956. Freguesia de Stº Estêvão de Barrosas).

temporais e com evidente perigo de cair ao chão e quebrar-se e posto a sua conservação necessita de um torreão em que seja posto, que pode ser para evitar maiores despesas, a face de hum dos dois cunhais da fronteira da mesma igreja, servindo lhe o mesmo cunhal para de uma parte se estabelecer o mesmo torreão, mando que os fregueses mandem fazer esta obra (...) (Visitações, fl. 69v). Apesar da ausência de torre, a igreja há muito que possuía diversos sinos em uso. O Tombo de 1548 refere explicitamente que a igreja possuía (...) *um sino grande com que chamam os fregueses que (...) está no corpo da*

igreja mais outra campainha grande que está dentro da igreja e mais outra campainha que serve quando levam o sacramento aos enfermos (Tombo, fl. 453v).

Depois de um primeiro capítulo de visitas exortando à construção de uma torre que albergasse os sinos, apenas em 1791, com as obras já em curso, registamos nova alusão ao processo. Na visita ocorrida a 27 de fevereiro desse ano o visitador anima (...) *os oficiais da igreja e fregueses da freguesia em continuarem a obra da torre ao menos até se fizerem as sinceras e se poderem levantar os sinos do chão colocando-os nas ditas sinceras.* (Visitações, fl.71).

Pese embora o início das obras, a construção arrastava-se no tempo. No capítulo de 20 de outubro de 1797, reportando-se à (...) *obra do torreão que se anda a fazer na fronteira desta igreja (...)*, o visitador considera-a (...) *não somente útil mas necessária, tanto para a igreja como para os irmãos da confraria das Almas (...)* *colocarem o sino para tocar pelos seus defuntos irmãos (...)*. Curiosamente, ao contrário da sugestão do abade Francisco José de Carvalho e Almeida, a torre nascera, não a partir do cunhal e adossada ao corpo lateral da igreja, como era habitual em muitos templos, mas na frontaria, como se de um prolongamento da nave se tratasse, marcando de forma indelével toda a volumetria do templo. A lenta evolução do processo de construção mercê, presumivelmente, da relutância da Confraria das Almas em (...) *aprontar o dinheiro (...)*, levaria ainda o visitador a determinar que (...) *o tesoureiro vá apontando os pagamentos aos oficiais que sucessivamente vão controlando a obra até à sua conclusão, que não excederá o tempo de oito meses, pena de quatro mil reis que pagará de sua bolsa se for culpado nesta mora.* (Visitações fl.83, 83v).

A última referência documental à construção da torre data de 11 de junho de 1799. Nesse derradeiro capítulo, as palavras do visitador indiciam que a obra ainda não estaria concluída, censurando a inércia dos confrades e determinando o pagamento da multa que havia sido estabelecida no capítulo anterior: *Tenho que os oficiais da confraria das Almas desta freguesia não só não cumpriram o Capítulo, que lhe foi deixado na passada visita respetiva ao torreão no tempo de oito meses que lhes foram cominados, mas nem ainda no dilatado tempo de dois anos que tem passado desde a passada visita, fundamento bastante para lhes não poder sufragar pretexto algum a que*

queiram recorrer, pelo que estão incursos na pena de quatro mil reis que lhes foi imposta naquele Capítulo (...) (Visitações, fl. 85; 85v).

Não sabemos se a obra foi concluída antes do dealbar do século XIX, uma vez que as visitasões não mais se referem à torre, todavia, podemos, com alguma grau de certeza, afiançar o momento do seu início. Com efeito, na fachada da torre, diretamente esculpida na pedra de fecho do arco frontal da galilé, encontra-se uma



Figura 5. Pormenor da cartela subcircular e respetiva representação gráfica da epígrafe memorativa onde se pode ler: Santo Estêvão de Barrosas 1784.

Epígrafe	Campo epigráfico	Espaçamento Interlineares		Altura das letras/carateres		Largura do traço		Profundidade do traço	
		Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min	Máx	Min
Ep.1	60,7 X 48,3	---	---	14	8,9	1,7	0,9	0,3	0,2
Ep.2	35 X 30	2,1	0,2	5,6	1,7	1,1	0,4	0,4	0,2

Tabela 1. Registo métrico, em centímetros, das epígrafes detetadas na Igreja Paroquial de Santo Estêvão de Barrosas.

cartela subcircular de bordos salientes onde foi detetada uma epígrafe (Ep.2), até agora inédita, que nos remete, com toda a certeza, para esse momento. Nesta inscrição, pode ler-se: «Sto / Esteuão / de Barro / zas / 1784» o que corresponde à leitura: *Santo Estêvão de Barrosas 1784* – a epígrafe, centrada e desdobrada em cinco regras, apresenta caracteres alfabéticos capitais e cursivos e a data, que ocupa a última regra, foi gravada com recurso a caracteres numéricos. Não condizendo a data, como vimos, com a conclusão da obra da torre, e atendendo a que a primeira referência à necessidade da sua construção data de 1782, julgamos que esta data memorativa se reporta a um primeiro momento construtivo da torre, talvez relacionado com a edificação da galilé e do primeiro nível do *torreão* cujo período de construção se haveria de prolongar, pelo menos, entre 1784 e 1799.

Referências bibliográficas:

- Livro das Visitações da Paróquia de Santo Estêvão de Barrosas, 1719-1812.* Arquivo Distrital do Porto.
- Paróquia de Santo Estêvão de Barrosas. *Registos de óbitos. Livro 1680-1742.* Arquivo Distrital do Porto.
- Petição, despacho e provisão a favor do juiz e mais oficiais de Subsino, da freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, para o seu Reverendo abade benzer a igreja.* Registo Geral. Lv. 166, fls. 216v e 217. Arquivo Distrital de Braga.
- Portugaliae Monumenta Historica.* Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1888-1897.
- Tombo da Igreja de Santo Estêvão de Barrosas de 1548.* Livro 65, proc. 1146. Arquivo Distrital de Braga.
- ALMEIDA, C.A.F. (1995). *Patrimonium.* Inventário da Terra de Sousa. Ficha de Inventario 124. [CD-ROM]. Porto: Edição Etnos Lda.
- CAPELA, V., MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2009). *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758.* Memórias, História e Património. Braga.
- CARDOSO, L. (Pe.) (1747). *Diccionario Geografico...* Lisboa: Regia Officina Sylviana. Tomo II.
- CARDOSO, C. e SILVA, E. (2010). Igreja de Barrosas (Santo Estêvão). Suplemento de Património da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada.* Ano 11. 3ª Série. N.º 73. Lousada: CML, p.1-4.
- COSTA, A.C. (1706). *Corografia portuguesa.* Lisboa: Valentim Costa Deslandes. Tomo I.
- CRAESBEECK, F. (1992). *Memórias Ressuscitadas da Província de entre Douro e Minho no ano de 1726.* Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, Lda. 1992, Vol. II
- GUIMARÃES, J.D. (1908). *Vimaranis Monumenta Historica : a saeculo nono post Christum usque ad vicesimum.* Guimarães: Soc.Martins Sarmento.
- NUNES, M., SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008). *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada.* Lousada: CML